

REFERÊNCIAS

Catálogo 35 anos do curso de História - UFCG. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/lucastadeu16718979/catlogo-35-anos-do-curso-de-histria-da-universidade-federal-de-campina-grande-19802015>>. Acesso em 26 de agosto de 2019.

Cadernos didáticos do PET-História UFCG - Luciano de Queiroz Aires (org.). Ano V – V. 1, n. 1. (jul/dez. 2018.) EDUFCG, 2018. 84p. ISSN – 2358-85-4971. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/18VnQ9URpWMFft8u8K-kZkpw4ERpbQFzf/view>> Acesso em 26 de agosto de 2019.

FENELON, Déa Ribeiro. **A formação do profissional de História e a realidade do ensino.** Tempos Históricos; volume 12. 1º semestre 2008; p. 23-35. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12423>>. Acesso em 26 de agosto de 2019.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____ **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 2002.

LDB - Lei de Diretrizes e bases da educação Nacional. 2ª edição. Atualizada em junho de 2018. Senado Federal. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf> Acesso em 26 de agosto de 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade.** 3ª Edição. 1ª Reimpressão. Editora Cortez, 2011.

ENSINO DE HISTÓRIA E MÚSICA: CONFRONTAMENTOS ENTRE O PLANEJAR E O FAZER

Francisco Didier Guedes Albuquerque Junior
(UFCG/CFP)
didierjr0105@gmail.com

Orientador: Prof. Esp. Jefferson Fernandes de Aquino
Ensino básico da Escola Dom Moises Coelho –Cajazeiras/PB

RESUMO

Dentre as múltiplas abordagens no conteúdo escolar, apresenta-se a música como um complexo e singular mecanismo de representação histórica. Compreendemos que a música, enquanto material didático, oportuniza, de maneira dinâmica, as discussões em sala de aula. Porém, destacamos que recorrer a música na prática docente requer planejar e, acima de tudo, ter consciência das milhares de possibilidades que esse planejamento pode acarretar na prática. Neste prumo, a partir do resultado da experiência docente na Escola Dom Moisés Coelho em Cajazeiras – PB, por meio do Programa Residência Pedagógica, este trabalho tem como finalidade discutir os conflitos, diferenças e possibilidades entre teorias e práticas no ensino de História através da música, atendo-se ao recorte histórico da Revolução Industrial através da música Fábricas, do grupo Legião Urbana. Partiremos do panorama teórico e metodológico de Contier (1991) e Calissi (2015) acerca da relação entre música e o ensino de História.

Palavras chave: Música; Ensino de História; Planejamento; Revolução Industrial.

1 ACORDES INICIAIS: INTRODUÇÃO

A docência em História requer, nos dias atuais, um envolvimento cada vez mais amplo com as produções culturais, isto porque o ambiente escolar está cada dia mais diverso e, aprender a ensinar nessa diversidade é um grande desafio para o professor nos dias atuais. Com isso, percebemos, na música uma forma de compreender as teias e tramas do passado para que, desta maneira, possamos aplicar os saberes dispostos no livro didático, associando-os com as falas de uma época/temática.

Sobre o uso de fontes no ensino de História, Karnal e Tatsch (2012) afirmam que a leitura de todo e qualquer documento histórico é passível a entendimentos variados, ou seja, cada leitor poderá tomar uma conclusão específica e atribuir um significado diferente segundo as suas próprias formações, filiações e/ou compreensões, isto gera (ou não) o interesse em determinados documentos históricos.

O interesse e a glória documental é atribuída a partir do significado que o damos no presente e que visa uma compreensão do passado. Os materiais didáticos, seguindo por essa mesma perspectiva, são também relativos à interpretação de quem o usa e a quem é possibilitado, ou seja, é uma via de mão dupla, tanto ao docente quanto, primordialmente, aos discentes.

Então, longe do corpus documental dos positivistas do século XIX, as fontes audiovisuais (a música, o filme, ou até mesmo a TV) passam, desde os Annales, por um

processo de esgarçamento, pode assim ser utilizada como material base para pesquisas de cunho científico e, também, como material didático (como demonstraremos neste artigo), o que torna possível tratar a música não como uma mera “ilustração” ou “complemento” nas aulas de História, mas sim como produto - facilitador - chave para o entendimento durante a construção do saber histórico, sendo possível “[...] perceber as fontes audiovisuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos” (NAPOLITANO, 2008, p. 236).

2 COLOCANDO OS ACORDES EM PRÁTICA: ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DA MÚSICA COMO RECURSO METODOLÓGICO

É válido ressaltar que, nesta perspectiva, não apenas a História, mas todos os demais campos do conhecimento escolar tramitam pela mudança com o advento de correntes pedagógicas que perpassam a lógica de um ensino tradicional para um histórico crítico, como preconiza Dermeval Saviani. Desta maneira, ao compreendermos uma diversidade documental na produção historiográfica, igualmente temos que compreender a sua utilização na sala de aula. Neste contexto, insere-se a música, centralidade deste estudo, na compreensão histórica dos fatos.

Assim, como um produto cultural, a música segue por uma trilha (sinuosa) de multiplicidade interpretativa de forma enfática, devido as suas constantes representações do cotidiano e das realidades sociais, culturais e econômicas. Assim, tal qual as infindas composições musicais existentes, a interpretação musical traz consigo, outras milhares de possibilidades enquanto fonte documental ou material didático.

A música quando possibilitada em sala de aula, gera por si só essa pluralidade a partir da individualidade de cada discente. Neste sentido, mesmo que dois discentes conheçam a mesma canção, ela gerará, sem dúvidas, interpretações distintas para cada um, sendo conectadas a partir de suas experiências mais íntimas e pessoais. Com isso, a possibilidade de conectar essas interpretações tende a promover uma compreensão singular da História.

O docente, contudo, enquanto mediador da discussão deve articular a música com a temática a que se propõe discutir, até mesmo a partir do próprio contexto de produção

da canção, em outras palavras, “deixando que o contexto determine o sentido do texto” (NAPOLITANO, 2008, p. 237).

A música pode ser, portanto, um mecanismo utilizado para compreensão e representação de um contexto favorável na construção de um conhecimento histórico, pois “a (re)construção de experiências históricas, em especial, a partir das canções populares, analisadas pelo professor de História, representa a possibilidade de (re)elaborar sentidos do passado para o presente.”(CALISSI, 2015, p.63)

Mas, trabalhar metodologicamente com a música não implica dizer em aplicar uma didática lúdica e, desta maneira, apartada do conhecimento histórico/educacional. A aula, mediada a partir de qualquer fonte audiovisual – no nosso caso, a música - é uma possibilidade dinâmica para com a construção do conhecimento histórico, suas estruturas internas e externas propiciam uma familiaridade e identificação por parte dos discentes, pois encontram-se em seu cotidiano expressões culturais tais quais a música. Logo, devemos esclarecer, principalmente a carga social atrelada a qualquer das manifestações culturais como fruto de seu tempo e dialogando/retratando o passado, partindo de uma leitura da sociedade que a tornou possível.

Além disso, necessita-se ressaltar que o uso da música implica ainda em dizer que possamos utilizá-las nas suas mais ricas possibilidades, ou seja, analisando tudo o que a obra em questão apresenta, suas estruturas enquanto música e suas possibilidades posteriores. Assim sendo, em se tratando de música deve-se considerar não tão somente a sua parte letrada, mas também sua melodia, seu ritmo, seus timbres e, de um modo geral, suas camadas de estruturação enquanto música. A parte estritamente letrada, não nos esqueçamos, é uma possibilidade para a poesia, a música, por outro lado, se apropria de métodos de explicabilidade e semântica pertinentes e analisáveis somente a si.

“A música não exprime conteúdo diretamente [...] mesmo quando acompanhada da letra, no caso da canção, o seu sentido está cifrado em modos muito sutis e quase sempre inconscientes de apropriações de ritmos, timbres, das intensidades, das tramas melódicas e harmônicas dos sons” (CONTIER, 1991)

A música é uma possibilidade didática em sala de aula, isto é fato. Mas essa possibilidade enquanto produto essencial para a aula deve ser acompanhada de uma análise sistemática e de um planejamento – tal qual todo e qualquer material didático -,

para que assim, o docente consiga obter êxito. Pode-se, por exemplo, ser elaborado um roteiro de análise documental/didática, como o proposto por Luciana Calissi:

“Levando-se em conta [...] a proposta aqui elaborada parte da contextualização ou do processo histórico estudado e se utiliza de um roteiro de análise básico composto por *análise externa* (título, autor, interpretação, datas, contextualização, lugar social de fala do autor); *análise interna* (interpretação da canção, em si, levantando-se questões que revelem temas, significantes e significados); *análise melódica* (gênero, instrumentos, ritmo, arranjo etc.) e *síntese* (contraposição/relação letra e melodia, sintetizando interpretações e compreensões sobre a fonte /objeto e sua relação com o contexto – momento de mobilizar o conhecimento)” (CALISSI, 2015, p.66)

Partindo desse roteiro proposto por Luciana Calissi (2015), precisamos ainda estar cientes da possibilidade de adequação devido a dinâmica de cada sala de aula, é oportuno adicionar, aprimorar ou desconsiderar algum ponto. Então, a partir desse método de planejamento podemos tratar qualquer música (ou até mesmo um álbum, sendo mais pretencioso) que se proponha a falar de algum acontecimento histórico ou (co)relacionado aos conteúdos trabalhados em sala de aula.

3 ANÁLISE DA MÚSICA “FÁBRICAS” E A SUA INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA

O recorte histórico deste artigo disserta sobre a Revolução Industrial e, como possibilidade para se discutir esta temática, usaremos como produto chave para a discussão a música Fábricas, do grupo Legião Urbana, gravada em 1986. Logo, usando do roteiro anteriormente proposto por Calissi, a música poderá ser descrita da seguinte maneira, afim de que se torne mais fácil a sua síntese.

***Análise externa** – *Título:* Fábricas; *Compositor:* Renato Russo; *Interpretes da canção:* Renato Russo na voz, violão e teclados. Dado Villa-Lobos nas guitarras. Renato Rocha no contrabaixo elétrico e Marcelo Bonfá na bateria; *Data da gravação e lançamento da canção:* Fevereiro e Julho de 1986, respectivamente; *Formato:* LP, CD e digital; *Gravadora:* EMI (Electric and Musical Industries Ltda); *Lugar social do/s compositor/es:* Compositor militante na causa em favor dos direitos humanos.

***Análise interna** – *Interpretação da canção*: a música tem o teor de denúncia crítica aos meios de exploração trabalhistas de forma atemporal, sendo possibilitada a discussão e articulação tanto no tempo presente como na Revolução Industrial. Além disso, recorre a uma esperança de um futuro onde não haverá injustiças nos meios de trabalho. A música abre palco pra discussões como a escravidão/servidão nas fábricas e sobre os impactos ambientais recorrentes do processo de industrialização.

* **Análise melódica**– *Gênero*: Rock alternativo/folk rock; *Instrumentos*: Vocal, backing vocal, violão, contrabaixo elétrico, guitarras e bateria. *Ritmo*: 4/4, tipicamente da MPB; *Arranjo*: Versão original.

* **Síntese**–*Contraposição/relação letra e melodia*: A música inicia-se com uma crescente sobreposição do teclado e da guitarra solo, até um momento de “explosão” e impacto onde começa a letra da música, esse processo gradativo até a “explosão” dá a entender sobre uma fala que está ganhando poder de dialogar/questionar sobre algo ou alguém. A música segue a partir disso com todos os instrumentos em um compasso de 4/4, com o vocal com uma pequena distorção, possivelmente retratando um processo de firmamento da fala que, ao final, é sobreposta com outras camadas de backing vocal’s, ou seja, é o “clímax” do lugar de fala, a corroboração de todas as vozes em diversas camadas, em uníssono. A música contextualiza e, por meio disso, questiona algumas questões pertinentes (ou que deveriam ser pertinentes) ao cotidiano de um trabalhador em uma fábrica, como “De onde vem a indiferença/ Temperada a ferro e fogo?” ou “Quem guarda os portões da fábrica?”.

A música:

Fábrica (Legião Urbana)

Nosso dia vai chegar
Teremos nossa vez
Não é pedir demais
Quero justiça
Quero trabalhar em paz
Não é muito o que lhe peço
Eu quero um trabalho honesto
Em vez de escravidão

Deve haver algum lugar
Onde o mais forte não
Consegue escravizar
Que não tem chance

De onde vem a indiferença
Temperada a ferro e fogo?
Quem guarda os portões da fábrica?

O céu já foi azul, mas agora é cinza
O que era verde aqui já não existe mais
Quem me dera acreditar
Que não acontece nada
De tanto brincar com fogo

Que venha o fogo então

Esse ar deixou minha vista cansada
Nada demais

Fonte: Site Letras. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22506/>>. Acesso em 08 de Julho de 2019.

A partir desta análise, bem como da letra da música, podemos nos apropriar da canção para, por exemplo, introduzirmos as discussões sobre a Revolução Industrial. Pode ser feita, a princípio, uma problematização por parte do professor, fazendo com que os alunos busquem interpretações próprias advindas dos seus conhecimentos prévios e que sejam condizentes a música, de modo que interprete o significado das estrofes e da música de um modo geral, tendo a atenção de associar sua relação com a melodia. A partir disso, e com as respostas dos discente em mente, pode ser feita uma sistematização no quadro com as principais ideias apresentadas e as possíveis interpretações da melodia. Acompanhadas a isto e dependendo da logística da turma, o professor pode incentivar possibilidades interpretativas da música, como: “A quem o autor da música se refere como ‘o mais forte’ e ‘quem não tem chance’?”; “Na opinião de vocês, o que pode ser considerado como um ‘trabalho honesto em vez de escravidão’?” ou até mesmo “O que vocês consideram como trabalho escravo?” e “Nas suas concepções, há a possibilidade de um trabalhador durante a Revolução Industrial ter sido explorado nos meios de trabalho? E nos dias de hoje, há algum tipo de exploração no trabalho?”.

Estimulando a interpretação musical, também pode-se questionar o que os discentes entendem da melodia e seus instrumentos, como “essa voz distorcida em determinados momentos simboliza o que, na opinião de vocês?”, “essas duplas vozes usadas no fim da música podem simbolizar o quê?” ou “quais instrumentos mais se destacam na música? Como esse instrumento em questão contribui para o entendimento da música?”. Sendo iniciado dessa maneira, de modo geral, a música (de forma totalizante) deverá ser articulada com o conteúdo, de modo que propicie uma imersão temática e contextual.

Feito isto, pode-se a partir disso, ser iniciado o conteúdo em suas vias de fato, privilegiando as discussões pertinentes e imprescindíveis ao conteúdo. Todavia, essa

discussão terá ainda mais possibilidades de exploração, pois pode ser feita, por exemplo: uma assimilação entre a transição do artesanato para a manufatura como um processo (e não como uma estridente ruptura), mostrando assim, como a música se encaixa a um meio de produção tipicamente industrial e os novos sistemas de trabalho, suas logísticas, suas demandas e suas explorações. Além de uma compreensão dos impactos ambientais que a Revolução Industrial propiciou, evidente no trecho “O céu já foi azul, mas agora é cinza/O que era verde aqui já não existe mais”. De modo amplo, podemos trabalhar os impactos da revolução industrial na economia, no social, no psicológico e no ambiental. Estes pontos citados são âncoras temáticas para argumentação sobre os movimentos Ludista e Cartista, além do processo de formação das classes burguesa e proletária.

Ao término da abordagem do conteúdo, pode ser realizada, até como forma de revisão, uma reprodução conjunta da canção, fazendo com que a música firme o conhecimento já construído, transparecendo as pautas circuladas em torno da Revolução Industrial.

4 ACORDES FINAIS: CONCLUSÃO

No campo da historiografia, o uso das diversas fontes nos permite trilhar um caminho sobre o passado e observá-lo a partir da fala de seus agentes. Nesta mesma proporção, podemos possibilitar essa experiência nas nossas salas de aula, aos nossos discentes. Com isso, mais do que dinamizar as aulas, possibilitamos aos discentes a compreensão da História pelo olhar de outros interlocutores.

Toda esse cenário incute ao docente a função de mediador, onde o saber não sai mais de sua cabeça para à dos alunos (usando a palavra etimologicamente ao pé da letra na origem latina como “sem luz”), mas o discente assume a sua posição de protagonista e agente ativo no seu processo de ensino e aprendizagem, em outras palavras, o discente traz consigo uma bagagem que deve ser considerada.

A música “Fábricas”, neste ambiente, possibilita perceber toda a crítica ao sistema capitalista. Ela que, criada em meio a um processo de contestação não somente ao sistema capitalista, mas aos efeitos deste na sociedade.

O uso desses recursos possibilitam uma maior interação, bem como o contato com outras formas de se pensar a sociedade, instigando um pensamento crítico e reflexivo dos fatos. Desta forma, mais do que proporcionar, como vimos afirmando, uma aula interativa, possibilita uma compreensão histórica ampla, bem como a visão crítica dos fatos, não permitindo ao discente ser uma tabula rasa e nem fazê-la com o passado, mas um saber profundo e significativo.

Isto posto, neste artigo nos propomos a interpretar e possibilitar a discussão de uma só música, a canção Fábricas da banda Legião Urbana. No entanto, um álbum, uma capa de álbum, uma entrevista do compositor ou até mesmo uma discografia poderá ser palco para discussões mais aprofundadas e que possibilitem outras inúmeras possibilidades, mas isso é assunto para outros trabalhos.

Como conclusão, podemos ter a certeza de que a música, enquanto material didático, é de uma riqueza infinda e que oportuniza uma aula mais dinâmica, construtiva e direta. Portanto, “Por integrar o campo das representações, a letra e a música podem ser lidas, criticadas e interpretadas, por isso podem ser utilizadas nas aulas de História e auxiliar professores/as e estudantes no exercício de ensinar e de aprender história” (CHAGAS, 2015, p. 143).

Por fim, a escolha de toda e qualquer música pertinente ao conteúdo trabalhado deve ser vista com atenção, de modo que possa viabilizar e desencadear a aula como planejada, caso percorra por caminhos diferentes, o professor deverá se adaptar à realidade e logística da turma, que deve ao fim colaborar com o processo de ensino-aprendizagem.

5 REFERÊNCIAS

BRAICK, Patrícia Ramos. **Estudar História: das origens do homem à era digital**, 8º ano. – 2. Ed. – São Paulo: Moderna, 2015.

CALISSI, Luciana. **Duas formas de ouvir o tempo**: ensino de História e música canções em/para o ensino de História. In: NUNES, Mariângela de Vasconcelos; NETO, Martinho Guedes dos Santos (Orgs.) Cantar para contar e compor: História no Ensino Básico. João Pessoa – PB: Ideia, 2015.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **Cantando também se ensina e se aprende História**. . In: NUNES, Mariângela de Vasconcelos; NETO, Martinho Guedes dos Santos (Orgs.) Cantar para contar e compor: História no Ensino Básico. João Pessoa – PB: Ideia, 2015.

CONTIER, Arnaldo. **Música e História**. In Revista de História – USP, São Paulo – SP, Nº. 119, jul. - dez. 1985-1988.

HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções**: 1789-1848. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia Galli. **Documento e História evanescente**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo, SP: Contexto, 2012. P. 9-27.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e Música**: canção popular e conhecimento histórico. Revista Brasileira de História – USP, São Paulo – SP, V.20, Nº 39, 2000, 9. 203 – 221.

NAPOLITANO, Marcos. **Fontes audiovisuais**: a história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 235-289.

_____. **História & Música**: História cultural da música popular. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.

PARAIBA. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Coordenação de Ensino Fundamental. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental da Paraíba**. João Pessoa: Grafset, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: Polêmicas do nosso tempo**. 32ª edição. Campinas – SP: Editora autores associados, 1999.

DISCOGRAFIA

Fábrica (Renato Russo), Legião Urbana. CD/Vinil/Digital, EMI, 1986.

O USO DE JOGOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Joalisson Jeronimo da Silva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB - I)

Joalissonhisto2017@gmail.com

Joabe Barbosa Aguiar

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG - I)

joabe-historia@hotmail.com

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo apresentar a importância do uso dos jogos como recurso didático inovador no ensino de história para alunos do 7º ano do fundamental II. Com o conteúdo de feudalismo, pretendemos por meio do uso dos jogos tornar a aula de História mais dinâmica e participativa para os alunos do 7º ano por meio do uso dos jogos no ensino de história a aula deixa de aula teórica que na visão dos alunos são monótonas, para se torna uma aula prática e dinâmica, pela qual o aluno vai estudar o conteúdo de feudalismo nas mais variadas fontes históricas, para conseguir responder as questões e avançar de nível, desta forma o aluno compreendera o assunto de feudalismo de uma forma mais clara, objetiva, dinâmica e divertida além de criar sua própria visão deste período pois este vai buscar em fontes históricas mediado pelo professor o conhecimento deste conteúdo para responder as questões e avançar de nível.